

## *Historiografia patriótica: a “versão tradicional” da Guerra do Paraguai e seus desdobramentos a serviço de um patriotismo militar brasílico*

Ivan Bilheiro Dias Silva\*  
José Luiz Oliveira de Paula\*\*

### RESUMO

Logo no início da Guerra do Paraguai e ao longo de quase toda a sua duração, foram produzidas certas narrativas historiográficas, sobretudo com a autoria de alguns oficiais combatentes. Essa historiografia, feita por militares, tornou-se valorosa fonte para a construção de uma imagem das Forças Armadas (mormente, o Exército), fortes e defensoras da Pátria brasileira, em especial quando da “transição” da Monarquia para a República, feita sob as ações do próprio Exército (especificamente, a alta oficialidade). Trata-se de uma historiografia carregada de certo patriotismo, servindo a esses fins. Assim, a historiografia da Guerra do Paraguai serviu de base para a justificação do sentimento de que o “amado Brasil” deveria ser colocado sob os cuidados das Forças Armadas, e isso se prolongou por um longo período, sendo visto ainda nos dias atuais. A título de arremate historiográfico, as duas principais versões acerca da Guerra, divergentes da versão “tradicional” e produzidas nas últimas décadas, serão concisamente apresentadas.

**Palavras-chave:** Historiografia. Guerra do Paraguai. Patriotismo. Versão historiográfica. Militares.

\* Graduando em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

\*\* Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Bacharel em Direito pelas Faculdades Integradas Vianna Júnior (FIVJ – JF). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Fundação Getúlio Vargas e Mestre em História Social pela Universidade Severino Sombra. Professor da Faculdade de História do CES-JF, e das Faculdades de Direito, Economia e Administração das FIVJ, esta última conveniada com a FGV

### ABSTRACT

On the beginning of the Paraguay War, and during almost all its duration, it was produced historiographical narratives, mainly by some combatant officers. This historiography elaborated by military ones became to a great source used to build an Arms' strong image, mainly during the change from Monarchy to Republic. This historiography is full of a kind of patriotism and it is made for this objective as well. This kind of feeling is responsible to stand the idea of the Arm as a better option to take care of the country.

**Keywords:** Historiography. Paraguay war. Patriotism. Historiographical Version. Military.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo de quase toda a *Grande Guerra da América do Sul*, conhecida principalmente como *Guerra do Paraguai*, foram produzidas certas narrativas historiográficas, basicamente por oficiais combatentes. No período posterior ao seu fim, contudo, o Exército<sup>1</sup> prosseguiu na empreitada de narrar historicamente a Guerra. Percebe-se nessa produção que se faz presente ainda nos dias atuais, uma alta carga de *patriotismo*. Por *patriotismo*, aqui, toma-se a concepção de uma defesa da Pátria brasileira pelos militares, sendo ela o símbolo máximo de veneração da classe e devendo manter-se conforme os parâmetros dela. Em síntese, um patriotismo que espelha a ideologia<sup>2</sup> militar na nação brasileira.

Houve, portanto, a construção de uma *versão militar patriótica* da Guerra. Entretanto, é preciso considerar que essa forja de versão historiográfica fez-se eivada de ideologias, em especial do *patriotismo militar*. O Exército fez da produção historiográfica uma forma de se colocar como protetor da nação brasileira, buscando embasamento histórico no conflito ocorrido no subcontinente sul-americano no século XIX.

O foco aqui é, justamente, a *historiografia militar patriótica* acerca da Guerra do Paraguai. Serão discutidos certos pontos da supracitada produção, a fim de verificar a carga ideológica presente nela e as finalidades de tal ato.

<sup>1</sup> Em geral, as Forças Armadas, mas, mormente, o Exército. Destaca-se, portanto, neste trabalho, essa generalidade, contudo toma-se por foco específico o Exército brasileiro e sua produção historiográfica.

<sup>2</sup> Aqui e alhures, neste trabalho, utiliza-se o conceito de ideologia ligado à seguinte ideia: "[...] para Lenin, a ideologia torna-se a consciência política ligada aos interesses políticos de cada classe; em particular, ele dirige sua atenção para a ideologia burguesa e a ideologia socialista. Com Lenin, portanto, o processo de transformação do significado da ideologia chega ao seu ponto culminante. A ideologia já não é uma distorção necessária que oculta as contradições tornando-se, em lugar disso, um conceito neutro relativo à consciência política das classes, inclusive da classe operária" (LARRAIN, 2001, p. 186).

Com o objetivo de ampliar a percepção sobre a temática, terá lugar uma reflexão sobre as correntes historiográficas sobre a Guerra e, com destaque entre as fontes, a apreciação de um documento do próprio Exército que apresenta “Aspectos sumários” da Guerra do Paraguai<sup>3</sup>.

Optou-se, contudo, por discutir pontos isolados da produção historiográfica e, em especial, a questão das origens da Guerra, por proporcionar bem a percepção daquilo que se pretende neste trabalho.

## 2 A QUESTÃO DAS ORIGENS DA GUERRA DO PARAGUAI

Um dos pontos de destaque da historiografia dita “tradicional”<sup>4</sup>, que se liga ao aspecto do *patriotismo militar brasileiro*, é a questão das origens da Guerra. Nesse sentido, para colocar as ações das Forças Armadas como uma defesa da Pátria frente a uma afronta do *cruel inimigo*, fez-se mister estipular como ponto de eclosão do conflito um ataque dele:

Para apoiar a idéia de que a intervenção militar constituiu uma reação ao ataque dos territórios brasileiros, esses relatos propuseram comumente como o estopim do conflito o aprisionamento do vapor brasileiro Marquês de Olinda, em 11 de novembro de 1864, e não a intervenção brasileira, dois meses antes, contra o governo constitucional uruguaio, apoiado pelo Paraguai. (FERNANDES, 2006, p. 12).

Um dos expoentes da *corrente tradicional* foi o militar Dionísio Cerqueira (1980). Em sua obra<sup>5</sup>, é possível observar justamente a trama de relações montada pela historiografia militar, a fim de ligar a declaração de Guerra aos anseios do governante paraguaio, mostrado como um *terrível ditador*. Antes de apresentar os indícios para essa constatação nos escritos de Cerqueira, é possível abordar, também, objetivando inclusive demonstrar a permanência desta visão da *historiografia militar tradicional*, o artigo de Nilson Vieira Ferreira de Mello na Revista do Clube Militar<sup>6</sup> (2008), no qual há a apresentação da

<sup>3</sup> Cf. BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Secretaria-Geral do Exército. Centro de Documentação do Exército. **Guerra do Paraguai**: aspectos sumários. Brasília: C Doc Ex, 1973. Disponível em < [http://www.cdocex.eb.mil.br/Arquivos%20em%20PDF/Guerra\\_do\\_Paraguai.pdf](http://www.cdocex.eb.mil.br/Arquivos%20em%20PDF/Guerra_do_Paraguai.pdf) >. Acesso em: 26 nov. 2008.

<sup>4</sup> Consideradas as demais correntes de interpretação da Guerra do Paraguai, sendo elas: a “revisionista” (cujos nomes de destaque são: Pomer e Chiavenato) e a “atual” (na qual se destaca a produção de Doratioto). Ambas serão mais bem explicadas mais à frente, neste artigo.

<sup>5</sup> Editada pela primeira vez, pela Biblioteca do Exército Editora, em 1948. A primeira edição é, contudo, do ano de 1910, o mesmo do falecimento do autor.

<sup>6</sup> O autor é Coronel do Exército, membro do Conselho Editorial da Bibliex e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

mesma relação entre os planos de Solano López e o estopim da guerra:

Doze anos após a campanha contra Rosas, surge nova e mais séria ameaça à estabilidade no Sul do continente. Em 1864, o império fora levado a intervir no Uruguai por fortes razões. Solano Lopes, terceiro de uma série de ditadores paraguaios, evoluiu da posição de isolamento do primeiro deles, Francia, para uma atitude mais ativa na política regional. Estribado no fortalecimento militar do País, iniciado pelo seu pai e antecessor, viu, na questão do Brasil com o Uruguai, a oportunidade de realizar seu projeto de grandeza. Como primeiro passo, ofereceu a sua intermediação na questão do nosso País com a Banda Oriental. Rejeitada pelo Governo imperial, inicia Lopes ações hostis ao Brasil, sem uma declaração formal de guerra. Aprisiona o navio Marquês de Olinda e invade o território de Mato Grosso. [...] (MELLO, 2008, p. 15)

Pode-se constatar a redundante afirmação de que os motivos da Guerra estão, definitivamente, ligados aos planos expansionistas do governante paraguaio. Dessa forma, o Brasil nada mais fez que se defender das ações de um inimigo, e as Forças Armadas executaram tal ação de defesa. Finalmente, no texto de Cerqueira (1980, p. 46), com a mesma concepção:

*O ditador do Paraguai, que se preparava, desde muito, para a realização dos seus projetos de expansão e supremacia na América meridional, aproveitou a invasão [do Uruguai pelo Brasil], como pretexto, para um rompimento; e, em plena paz, aprisionou no dia 11 de novembro de 1864, o vapor brasileiro Marquês de Olinda que conduzia para Mato Grosso o malgrado presidente e comandante das armas da província, coronel de engenheiros Frederico Carneiro de Campos, que pouco tempo antes afirmava na Câmara dos Deputados, de que era conspícuo membro, que não precisávamos de tanto exército.  
Dias depois estava a guerra declarada. (Grifos nossos.)*

Essa breve passagem fornece, também, uma série de indicativos a serem discutidos no contexto da compreensão da carga ideológica por trás da construção do relato. Primeiro, o destaque ao denominar o governante paraguaio como *ditador*, colocando, naturalmente, o inimigo como uma figura ruim não só para o Brasil, mas também para o próprio povo. Aprofundando a investigação, é interessante analisar, também, o documento do Exército que afirma essa concepção categoricamente: "a guerra foi provocada pelo *ditador* Solano López que almejava a criação de um 'Paraguai-Maior', com a anexação de territórios brasileiros, argentinos e uruguaios e uma saída para o mar". (BRASIL, 1973, p. 7, grifo nosso).

Conforme é possível observar nas duas passagens mencionadas, existe a afirmação de que os planos de Solano López eram bem anteriores à Guerra. Sendo assim, ele buscou provocá-la para atingir os objetivos de construção do chamado “Paraguai-Maior”. Ressalta-se, por mais que haja alguma referência à intervenção militar no Uruguai, por parte do Brasil, entre as causas anteriores da Guerra<sup>7</sup>, que ela é colocada como argumento usado pelo *ditador* paraguaio como pretexto para buscar a eclosão do conflito.

Um outro detalhe da colocação de Cerqueira (1980, p. 46), supracitada, é a forma como coloca o Deputado Frederico Carneiro de Campos como uma figura *conspícua*<sup>8</sup> da casa legislativa brasileira, logo, como tendo uma opinião considerável. Destaca, também, que o ele defendeu a não-necessidade de *tanto exército*. Dessa forma, na versão militar apresentada, em detrimento da opinião do *importante* Deputado, é possível fazer a leitura de que, se sua orientação fosse seguida à risca, não haveria forma de defendê-lo do aprisionamento executado pelo *ditador* paraguaio. Para além, a redução do exército seria, por consequência, redução da defesa da nação brasileira<sup>9</sup>.

E, por fim, muito sutilmente, colocar “Dias depois estava declarada a guerra” (CERQUEIRA, 1980, p. 46) liga, inevitavelmente, a declaração de guerra à ação *criminosa* do *ditador* paraguaio ao aprisionar o navio brasileiro.

### 3 OUTROS ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA PATRIÓTICA MILITAR

Sobre a mesma obra de Cerqueira (1980), especificamente, é válido destacar a apresentação feita para a edição, que demonstra muito bem o caráter de valorização do Exército nos relatos construídos com o intuito primeiro de narrar a Guerra do Paraguai:

O dia 7 de maio de 1980 representa, no calendário cívico brasileiro, um sentido da mais alta relevância: o transcurso do centenário de falecimento do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias.

Ao exaltar o acontecimento, o Ministro do Exército, em seu Aviso 137, de 27 de setembro de 1979, caracteriza que esse evento “constitui excepcional oportunidade para a renovação e a intensificação do culto do Exército Brasileiro ao maior de seus soldados, e que, como preito de gratidão e imperativo

<sup>7</sup> Sobre isto, ver no documento do Exército, onde há a indicação dos Antecedentes da Guerra: “b. intervenção do Império brasileiro em favor de Venâncio Flores, do Uruguai”. (BRASIL, 1973, p. 1).

<sup>8</sup> Notável, eminente, ilustre.

<sup>9</sup> Sobre esse ponto específico da organização ou reorganização do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai, ver FERRER, 2005.

de civismo, impõe-se dar à comemoração a maior amplitude nacional”.

Segundo essa diretriz ministerial, esta Editora militar [Biblioteca do Exército] inseriu, na sua Programação Editorial de 1980, o livro “Reminiscências da Campanha do Paraguai 1865-1870”, do General Dionísio Cerqueira.[...]

Aos nossos leitores oferecemos esta publicação, cuja imagem intui o ponto de congregação de nossos propósitos – sublimar a figura de Caxias e reeditar a obra consagrada de Dionísio Cerqueira, cujas páginas exortam os feitos militares daquele grande soldado. (CERQUEIRA, 1980, p. 5)

No texto do *Centro de Documentação do Exército* (BRASIL, 1973, p. 4), há uma referência ao uso dos aeróstatos<sup>10</sup> durante a Guerra. Contudo, tal uso é colocado como “[...] fruto da visão vanguardista de Caxias [...]”, clara menção, igualmente à citação acima, da valorização do personagem que seria mitificado a *posteriori* pela ação do Exército, em especial no período republicano brasileiro.

Ainda em suas “Considerações Relevantes” acerca da Guerra, o mesmo documento apresenta a comparação do conflito com a Guerra de Secessão norte-americana. Dessa forma, busca-se uma valorização do conflito no qual as Forças Armadas brasileiras se destacaram e ganharam força. (FERRER, 2005):

a. a Guerra do Paraguai foi uma guerra moderna, de transição, entre o período napoleônico e a 1ª GM, podendo até se ombrear, guardadas as proporções, à Guerra de Secessão norte-americana, posto que foi a mais importante do subcontinente sul-americano; (BRASIL, 1973, p. 4)

Além disso, sobre o uso da imprensa, existe valorização dessa atitude por parte dos aliados (entre os quais se insere o Brasil) e, por outro lado, uma desvalorização quando o uso do mesmo recurso é feito pelo inimigo paraguaio:

g. a imprensa foi constantemente utilizada pelos beligerantes, para a difusão de informações e doutrinação. A Tipografia Móvel de nosso Exército editava um pequeno jornal, “A Saudade”, quando do longo período de acampamento em Tuiuti e, posteriormente, em Assunção, após a ocupação daquela Capital. As tropas paraguais recebiam “El Semanário”, órgão oficial do governo, e editavam, de maneira rústica, três periódicos: “El Centinela”, “Cacique Lambaré” e “Cabichui”. Todos eles desenvolviam intensa e convincente ação psicológica, estimulando o ardor combatente dos guaranis, em especial o “Cabichui”, que também desencadeava

<sup>10</sup> Balões presos ao chão utilizados para vigiar amplo território.

caricata e feroz campanha difamatória contra os aliados, particularmente os brasileiros; (BRASIL, 1973, p.4)

#### 4 A VERSÃO “TRADICIONAL” INSERIDA NO DEBATE HISTORIOGRÁFICO

É preciso considerar, outrossim, a versão *tradicional* inserida no debate historiográfico sobre a temática *Guerra do Paraguai*. Não há pretensão aqui de abordar longamente cada uma das versões, mas, simplesmente, compreender a versão aqui apreciada inserida neste debate em suas contraposições às demais.

De acordo com a colocação anterior, a versão dita *tradicional* não é a única corrente de interpretação da Guerra do Paraguai. Por muito tempo foi uma versão predominante, mas, na década de 1960, surgiu uma nova, a *reviscionista* (FERNANDES, 2006, p. 14).

A corrente *reviscionista* também é carregada de ideologias. Tenta, ao desconstruir os mitos criados pela versão *tradicional*, construir o que seriam *mitos invertidos*, desvalorizando, ao extremo, as figuras de destaque da corrente que contesta. Além disso,

[...] o fomento da guerra é atribuído à Inglaterra, que teria manipulado Brasil e Argentina para aniquilar o Paraguai, pois segundo essa corrente que tem como maiores nomes Pomer e Chiavenato, o Paraguai era independente economicamente da Inglaterra e sem dívida externa, dando mal exemplo a seus vizinhos fonteiriços, pois estes seriam extremamente dependente [sic] [...]. (FERNANDES, 2006, p. 14)

No confronto (acadêmico) de versões, os representantes da corrente *tradicional*<sup>11</sup> voltaram-se contra a *reviscionista*, alegando que nela havia forte interesse de denegrir a pátria e o Exército, enquanto instituição:

- até há alguns anos atrás, eram brandidas idéias [sic] revisionistas, muito em voga nos meios universitários, de que a Inglaterra armara os países aliados contra o Paraguai. Essa tese surgiu após a segunda década do século XX, quando, no Paraguai, iniciou-se um equivocado revisionismo histórico, que ganhou amplas proporções naquele país-irmão, com vistas à reabilitação de López (cujo maior apologista foi o escritor paraguaio Juan O’Leary) e que o transformou em mais um “herói das esquerdas”. Os aliados na Guerra da Tríplice Aliança, segundo os fautores da mencionada tese, eram tidos

<sup>11</sup> Deve-se destacar que, embora existam várias versões, uma não é sobreposta à outra, eliminando a anterior por completo. Na verdade, as correntes de interpretação historiográfica acabam se mostrando presentes ainda hoje, confrontando-se academicamente.

como “lacaio do imperialismo britânico” e López e o Paraguai, “a encarnação do nacionalismo sul-americano”, o que foi muito potencializado após o lançamento do livro “Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai”, do jornalista Júlio José Chiavenato [...], literatura que obteve enorme estrondo publicitário, promovido pelas esquerdas. A obra, verdadeira interpretação marxista acerca da Guerra do Paraguai, é evadida de inverdades e denigre o povo brasileiro, menosprezando-o, constantemente, em especial quanto ao seu valor combativo e aos seus mais insígnis soldados. (BRASIL, 1973, p. 7)<sup>12</sup>

Existe também uma terceira corrente mais recente, chamada de versão *atual*. Nela, é reduzida a influência da Inglaterra (um dos principais pontos defendidos pelos integrantes da versão *reviscionista*), bem como a superestimação das pretensões do governante paraguaio:

E é desta maneira que, ao unirmos os interesses de todos os países que participaram direta ou indiretamente do conflito, vamos chegar a uma visão estratégica da guerra. E esta não foi resultado somente dos interesses do ditador Solano López. Nem só das questões imperialistas da Inglaterra. Resume-se nos desejos, nas vontades dos países. Leia-se bem, dos, no plural. (FERNANDES, 2006, p. 19)

Francisco Doratioto é um dos principais nomes dessa corrente historiográfica chamada *atual* ao se debruçar sobre a Guerra do Paraguai<sup>13</sup>. Apresentando uma compreensão das demais correntes e do uso da História com fins ideológicos, o autor afirma:

A guerra contra a Tríplice Aliança (1865-70) significou uma hecatombe para o Paraguai, repercutindo profundamente na evolução de sua sociedade e, mesmo, nas dos países vencedores. Muito se escreveu sobre o conflito, em alguns casos com abordagens mais emocionais do que histórico-analíticas, e, em outros, como forma de instrumentalizar o passado para justificar o presente. Este foi o caso, no Paraguai, da apologia dos déspotas do século XIX – José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-40), Carlos Antonio López (1844-62) e Francisco Solano López (1862-1870) – promovida principalmente pelo regime ditatorial de Alfredo Stroessner (1954-1989). Nos antigos países aliados, no século XIX e parte do XX, se deu ao conflito o caráter de cruzada civilizatória, minimizando interesses concretos, como a questão dos

<sup>12</sup> A obra referida do jornalista Júlio José Chiavenato, compreendida na versão revisionista, é a seguinte: CHIAVENATO, Júlio José. Genocídio americano: a Guerra do Paraguai. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

<sup>13</sup> Obra principal do autor na temática: DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

territórios litigiosos, ou a complexidade da situação regional do Prata entre 1862 e 1865. A consolidação das democracias no Cone Sul; a melhor organização e facilidade de acesso a arquivos e a maior profissionalização da figura do historiador, renovaram o interesse pela História do Paraguai. *Essa recente historiografia se caracteriza pela preocupação em transcender [sic] simplificações dicotômicas, pelo respeito às normas científicas e pela valorização da pesquisa documental.* (DORATIOTO, 2005, p. 79, grifos nossos.)

Os debates historiográficos gerados pelas discordâncias que se apresentam são, em seus fins, úteis à construção do saber. Contudo, é preciso considerar a questão da carga ideológica no fazer histórico. Nesse quesito, Marc Bloch (2001, p. 126) lembra: “Montaigne já nos chamara a atenção: ‘A partir do momento em que o julgamento pende para um lado, não se pode evitar de contornar e distorcer a narração nesse viés’”.

Sobre a versão *tradicional*, especificamente, a carga ideológica forçou a produção para uma defesa do país e das instituições que compõem as Forças Armadas brasileiras, superestimando certos aspectos do inimigo e suprimindo ou subestimando outros fatores que tiveram influência, direta ou indiretamente, na Guerra do Paraguai. No tocante à História e a questão de julgar ou compreender, Marc Bloch (2001, p. 128), mais uma vez, expõe:

Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: “compreender”. Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. Palavra, não dissimulemos, carregada de dificuldades, mas também de esperanças. Palavra, sobretudo, carregada de benevolência. Até na ação, julgamos um pouco demais. É cômodo gritar “à forca!”. Jamais compreendemos o bastante. Quem difere de nós – estrangeiro, adversário político – passa, quase necessariamente, por mau. Inclusive, para travar inevitáveis lutas, um pouco mais de compreensão das almas seria necessário; com mais razão ainda para evitá-las, enquanto ainda há tempo. A história, com a condição de ela própria renunciar a seus falsos ares de arcanjo, deve nos ajudar a curar esse defeito. Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como a ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro for fraternal.

E, retornando ao documento do *Centro de Documentação do Exército*, é possível encontrar uma defesa da versão *tradicional* – especialmente quando contraposta à corrente *revisionista*<sup>14</sup> – que tenta buscar um pouco da teoria da História, mas ainda assim é clara uma carga de ideologia no

<sup>14</sup> Até porque, válido salientar, o documento é de 1973, período no qual há embate maior entre as duas correntes de interpretação.

intuito de manter a razão e a preponderância em oposição aos aspectos apresentados pelos *opositores*<sup>15</sup>:

“História é verdade e justiça” e, como tal, devem os historiadores manter uma postura isenta, imparcial, não atrelada a ideologias e a caprichos pessoais. Afirmar que a Inglaterra (ao início da beligerância, até rompida com o Brasil por causa da “Questão Christie”) tinha enorme interesse no “pujante” comércio paraguaio [...] é uma sesquipedal distorção histórica, malevolamente difundida e não condizente com a análise moderna dos fatos. Hoje está provado, documentadamente, quão insignificante era, principalmente em termos de comércio, a economia do Paraguai, máxime em comparação com a do Brasil. (BRASIL, 1973, p. 7)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe, como foi possível perceber, uma série de influências (condicionantes) na produção da historiografia que, atualmente, é denominada como *tradicional*. A construção da narração histórica, por parte dos militares, fez-se com o intuito de forjar a base de planos maiores, quais sejam: o de colocar a história da nação sob seus auspícios e proteção e, também, o de vangloriar determinada interpretação sobre o próprio país (seguindo a proposta de refletir, na nação, a ideologia militar).

Se, por um lado, há de se considerar extremamente válido o debate acadêmico proporcionado pelo aparecimento de diversas e, por vezes, divergentes interpretações, também cabe ao historiador a percepção das subjetividades e ideologias que se afiguram nas construções historiográficas.

A investigação do que está além do relatado, do escrito, é indissociável do trabalho ao qual os historiadores se dedicam. No presente caso, pôde-se constatar a parcela significativa de ideologia militar nos relatos da corrente “tradicional” de interpretação da Guerra do Paraguai. Observações como esta visam a contribuir para um melhor trabalho de pesquisa sobre os acontecimentos do processo histórico, haja vista que são submetidos à crítica, também, as ações humanas (logo, históricas) de interpretação de tais acontecimentos.

**Artigo recebido em: 24/08/2009**  
**Aceito para publicação: 23/11/2010**

<sup>15</sup> Como se trata, aqui, de observar o patriotismo construído tendo como base a historiografia militar, cabe citar e concordar com Schopenhauer (2005, p. 4) ao afirmar que, quando se busca manter a razão, há uma colocação da vaidade acima da verdade. O sentimento patriótico concebido aqui tende a espelhar os militares e, assim, nota-se a questão da vaidade. O uso de formas de diminuir o discurso da versão opositora também é notório nesse caso.

## REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Secretaria-Geral do Exército. Centro de Documentação do Exército. **Guerra do Paraguai: aspectos sumários**. Brasília: C Doc Ex, 1973. Disponível em < [http://www.cdoex.eb.mil.br/Arquivos%20em%20PDF/Guerra\\_do\\_Paraguai.pdf](http://www.cdoex.eb.mil.br/Arquivos%20em%20PDF/Guerra_do_Paraguai.pdf)>. Acesso em 26 nov. 2008.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. (General Benício, v. 179, publ. 499).

CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. Guerra e Regeneração: três estudos sobre a Guerra do Paraguai. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 79-87, 2005.

FERNANDES, Claudia Moraes. **Guerra do Paraguai: o discurso oficial e a participação do Maranhão (1864-1870)**. 2006. 38 f. Monografia (Graduação em História Licenciatura) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2006.

FERRER, Francisca Carla Santos. A (re)organização do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai. **Biblos**, Rio Grande, v. 17, p. 121-130, 2005.

LARRAIN, Jorge. Ideologia. In: BOTTOMORE, Tom (editor). **Dicionário do pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 183-187.

MELLO, Nilson Vieira Ferreira de. Osório: bicentenário de nascimento do Marquês de Herval. **Revista do Clube Militar: a casa da República**, Rio de Janeiro, n. 428, p. 14-16, abr. 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ter razão**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

